

Cuidado! Nietzsche está louco? Verdade e mentira! **(Entrranhas da filosofia na loucura)⁶⁰**

Dra. Arlinda B. Moreno⁶¹

Resumo

A partir do texto Verdade e Mentira, escrito por Nietzsche em seu último período de vida, serão apontadas questões afetas à verdade e à mentira, ao pathos e à loucura, à inimputabilidade do louco e ao cuidado de e para Friederich. Esses conceitos, robustos e caros à filosofia, serão considerados em campos distintos tais como a própria filosofia, a medicina, o direito e a saúde coletiva o que possibilitará apontar inconsistências e/ou incoerências (insanas), a medida em que o caminho escolhido para analisar uma obra confunde-se com outras dimensões do autor e, mais ainda, quando seus pontos obscuros (ou negativos) transformam-se em emblemas tradutores (e rotuladores) do pensamento do filósofo.

Palavras-chave: Filosofia; Transtornos Mentais; Direitos do Paciente; Espaço Pessoal.

Abstract

From the text Truth and Lie, written by Nietzsche in his last period of life, issues correlated to truth and lie, the pathos and the madness, the unimputability of crazy, and care to and from Friederich will be identified. These concepts - robust and nuclear to philosophy - will be considered in different fields such as philosophy itself, medicine, law and public health aiming to indicate inconsistencies and/or inconsistencies (true madness) when the path chosen to analyze a such work is tangled with other dimensions of the author private life and even more so when its obscure (or negative) points are transformed into emblems that translate (and can label) the philosopher's thought.

Keywords: Philosophy; Mental Disorders; Patient Rights; Personal Space.

60 Este texto é uma versão revista e ampliada do trabalho apresentado na mesa: "Cultura, sofrimento e dor" do Simpósio Frederico Furioso, realizado na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 05 de maio de 2015.

61 Doutora em saúde coletiva IMS/UERJ. É pesquisadora titular em saúde pública na Fiocruz e atua como psicoterapeuta fenomenológico-existencial junto a pacientes com câncer. Email: morenoar@fiocruz.br

1. Sobre a metáfora nietzschiana

A metáfora nietzschiana será o ponto de partida para uma reflexão acerca tanto do conhecimento como pedra angular e normalizadora, fruto de uma anterioridade falaciosa do conceito como verdade última na qual se crê, sem que se possa repensar sua construção (a do próprio conceito) como um edifício que não advém do caráter essencialista e de exacerbação do bem (bondade) no humano, quanto de sua consequente construção cognoscente, como devir do humano a partir de seu saber antropocêntrico.

Na ancoragem das conjecturas filosóficas do barco em que pretendo navegar este texto, está a fala póstuma do filósofo: “A verdade é indiferente ao homem: isso revela a tautologia como sendo a única forma acessível de verdade. Pois, buscar a verdade também significa rubricar com exatidão, isto é, subordinar corretamente os casos individuais a um conceito existente. Aqui, porém, o conceito é um feito que nos pertence, tal como as épocas passadas. Subsumir o mundo inteiro em conceitos precisos significa tão somente enfileirar as coisas particulares sob as formas de relação mais gerais e primordialmente humanas: a ser assim, os conceitos só atestam aquilo que introduzimos neles e que, mais tarde, procuramos novamente sob eles – o que, no fundo, também é uma tautologia” (NIETZSCHE, 2008a, p.55).

Na mesma medida que o fragmento póstumo que acima serve de ancoragem para este artigo, no corpo de seu trabalho, logo de saída, a obra de Nietzsche “Verdade e Mentira no Sentido Extramoral”, revela aspectos seminais do debate mundano-filosófico entre verdade e mentira. Na página de abertura deste escrito (também publicado postumamente), de pronto se apresenta a ideia de um antropomorfismo deletério, porque pretensioso e antropomórfico. Diz o filósofo: “Alguém poderia [...] inventar uma fábula e ainda assim não teria ilustrado suficientemente bem quão lastimável, quão sombrio e efêmero, quão sem rumo e sem motivo se destaca o intelecto humano no interior da natureza; houve eternidades em que ele não estava presente; quando ele tiver passado mais uma vez, nada terá ocorrido. Pois, para aquele intelecto, não há nenhuma missão ulterior que conduzisse para além da vida humana. Ele é, ao contrário, humano, sendo que apenas seu possuidor e gerador o toma de maneira tão patética, como se os eixos do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos pôr-nos de



acordo com o mosquito, aprenderíamos então que ele também flutua pelo ar com esse *pathos* e sente em si o centro esvoaçante desse mundo. Na natureza, não há nada tão ignóbil e insignificante que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não inflasse, de súbito, como um saco; e assim como todo carregador de peso quer ter seu admirador, o mais orgulhoso dos homens, o filósofo, acredita ver por todos os lados os olhos do universo voltados telescopicamente na direção de seu agir e pensar” (NIETZSCHE, 2008a, p.25-6).

Parece-me, assim, como mais tarde ratificarei, que o intelecto, a racionalidade e o conhecimento advindos da inventividade do humano são apenas falácias nas quais a humanidade se apoia vorazmente. E mais, esta toma o universo não apenas como sua morada, como um lugar cuja ocupação é efêmera e extemporânea, mas sim, como um invólucro que existe para e a partir si mesma – essa espécie ímpar e magnífica que dá sentido ao todo e a tudo. Ou, em outras palavras, pode-se afirmar que a quase totalidade dos conceitos, incluindo-se a loucura (essa sim mais irmanada com a ideia de centralidade do mundo) como contraponto da racionalidade, é tão-somente mais uma das invenções humanas (ou, simplesmente, um oximoro: racionalidade devaneante).

E mais: “A 'coisa em si' (ela seria precisamente a pura verdade sem quaisquer consequências) também é, para o criador da linguagem, algo totalmente inapreensível e pelo qual nem de longe vale a pena esforçar-se. Ele designa apenas as relações das coisas com os homens e, para expressá-las, serve-se da ajuda das mais ousadas metáforas. De antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! Segunda metáfora” (NIETZSCHE, 2008a, p.31).

E, de metáfora em metáfora, emerge um suposto conhecimento nessa antropomórfica ilusão. Seguindo pelas entranhas do texto nietzschiano aqui em destaque, tem-se na prosódia do filósofo: “Ponderemos ainda, em especial, sobre a formação dos conceitos: toda palavra torna-se de imediato um conceito à medida que não deve servir, a título de recordação, para a vivência primordial completamente singular e individualizada a qual deve seu surgimento, senão que, ao mesmo tempo, deve coadunar-se a inumeráveis casos, mais ou menos semelhantes, isto é, nunca iguais quando tomados à risca, a casos nitidamente desiguais, portanto. Todo conceito surge pela igualação do não-igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável,

despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse 'folha', tal como uma forma primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, encrespadas e pintadas, mas por mãos ineptas, de sorte que nenhum exemplar resultasse correto e confiável como cópia autêntica da forma primordial. Denominamos um homem honesto; perguntamos então: porque motivo ele agiu hoje de modo tão honesto? Nossa resposta costuma ser a seguinte: em função da honestidade. A honestidade! Uma vez mais, isso significa: a folha é a causa das folhas. Nada sabemos, por certo, a respeito de uma qualidade essencial que se chamasse honestidade, mas, antes do mais, de inúmeras ações individualizadas e, por conseguinte, desiguais, que igualamos por omissão do desigual e passamos a designar, desta feita, como ações honestas; a partir delas formulamos, finalmente, uma *qualitas occulta* com o nome: honestidade” (NIETZSCHE, 2008a, p.35-6).

No *pathos* ilusório da jornada humana caberia, ainda, indicar uma última citação de Friedrich acerca de verdade e mentira que, por sua clareza e precisão ratifica o castelo de cartas sobre o qual se constroem nossas certezas: “O que é, pois, verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e que agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas” (NIETZSCHE, 2008a, p.36).

É legítimo, portanto, pensar no conceito (no conhecimento) como uma construção (na maioria das vezes inapropriada) de algo ou de alguma coisa que se pretende como a declaração de verdade, como o representante mais digno do fidedigno.

2. Sobre a metáfora do sofrimento psíquico

Ora, invenções de conhecimentos e conceitos acerca da loucura, não só a de Nietzsche, mas a dos humanos, têm sido elaboradas ao longo dos últimos séculos. Para não ir muito longe, sabe-se que em 1.662, o londrino John Graunt, na publicação *Natural and Political Observation Made Upon the Bills of Mortality*, listou 83 causas de morte, sendo a causa de número 42 a *Lethargy* e a de número 44 denominada *Lunatique* (ou, em bom português, lunático, insano). E, dessa semente nosológica, evoluiu-se para

o primeiro acordo internacional que propugnava que, a partir do ano 1.893 (apenas cinco anos após o colapso de nosso filósofo Friederich), inúmeros países deveriam utilizar uma classificação de causas de morte, comprometendo-se a realizarem, a cada dez anos, revisão visando à descrição de novas doenças que pudessem ser incorporadas a essa classificação. Eis aí a proto-CID (Classificação Internacional de Doenças)! Em 1.948, no pós-guerra imediato e no mesmo ano de criação da Organização Mundial da Saúde (OMS), a Classificação Internacional de Doenças – CID foi sistematizada e incorporou novas denominações de doenças. Daí por diante, a cada edição, esta classificação torna-se mais e mais volumosa. Difícil duvidar que este recrudescimento não seja embasado na multiplicação de metáforas (LAURENTI, 1991; LAURENTI, 1994).

Ainda acerca das nosografias, vale mencionar a inventividade intrínseca ao projeto do *DSM - Diagnostic and Statistic Manual of Mental Health*, publicação de origem estadunidense que, em sucessivas revisões, a partir de 1952 (lançamento do DSM-I – ou versão I do DSM) vem complexificando mais e mais as mazelas da assim denominada loucura – das 106 categorias de doenças mentais listadas em sua primeira versão essa publicação abarca em sua mais atual edição, o DSM-5, lançado em 2013, mais de 300 denominações de transtornos psiquiátricos. Metáfora da metáfora, multiplicação de metáforas, metáforas, enfim.

Mas, a doença mental, a loucura e, em especial, a loucura a partir dos afetos, não é questão que a nosografia resolva facilmente. A loucura como irracionalidade, como rompimento com o real, está incrustada no conjunto de metáforas do conhecimento em saúde mental.

Para Berrios (2012), o século XIX enfrentou três mudanças ideológicas poderosas o suficiente para que o privilégio da loucura como disfunção da racionalidade e do intelectualismo prevalecesse, deixando de lado o sofrimento psíquico afeto aos afetos: o darwinismo; o desenvolvimento de uma visão periférica das emoções; e os estudos de localização cerebral.

Tais ideologias deixaram como herança do século XIX a natureza intelectualista da loucura, reafirmando o que desde a Grécia caracterizava a vesânia: irracionalidade e distúrbios comportamentais. Outras definições de sofrimento psíquico, nomeadamente paranoia, frenesi, melancolia, mania e letargia (como visto no glossário de Graunt) também se erigiram sobre essas mesmas bases (BERRIOS, 2012).

Todavia, a despeito da conseqüente irracionalidade na cadeia de causação da

loucura, é neste mesmo século XIX que se consolida o papel da emoção na psicopatologia. As emoções seriam causa, mas também resultado na doença mental. Os caminhos trilhados pelas emoções como resultados da loucura foram minimamente explorados (BERRIOS, 2012). Mas o papel causal das emoções na loucura promove um novo veio terapêutico, valorizado por inúmeros estudiosos, entre eles Esquirol, que propugnou que, a partir da manipulação das emoções, o chamado “tratamento moral” poderia resultar efetivo (ESQUIROL, 1980).

Uma descrição dessa assertiva encontra-se na obra de Esquirol (ESQUIROL, 1980, p. 82): “Discussões anteriores e os fatos sobre os quais elas estão baseadas mostram a relação entre as emoções e a insanidade; elas indicam melhor do que qualquer definição o que significa o 'tratamento moral'. Se é essencial provocar choques violentos e excitar esta ou aquela emoção para controlar o lunático... não é menos importante ser gentil e afável para com ele” (BERRIOS, 2012 ; ESQUIROL, 1980).

Quero seguir mais a fundo, porém, elegendo a paixão, o *phatos* do qual fala Friederich, como o constructo emocional que aqui me interessa na e para a dor de meu protagonista – aqui, oportunamente trabalhada como a dor de humanos em sofrimento psíquico. A partir dela, a paixão, tem-se um longo caminho de crenças apontando para o fato de que estas abalam a cognição e, portanto, estão na cadeia causal da loucura. Desde os gregos, passando pelo período medieval, pelo Renascimento e pelos tempos modernos até o século XIX, a excitação afetiva que conduz à irracionalidade é elemento chave do modelo lógico da insanidade (ESQUIROL, 1980).

Aliás, quero dizer desde já que o *pathos*, a paixão como o trágico em Nietzsche, se nega a submeter-se a qualquer modelo de entendimento da insanidade mental. A grande saúde nietzschiana que o diga, conforme será visto mais a frente.

No dizer de Alexander Crichton (*apud* BERRIOS, 2012), que em 1.798 escreveu o livro “Uma investigação sobre a natureza e origem do desarranjo mental: para compreender um sistema conciso da fisiologia e da patologia da mente do ser humano e uma história de paixões e seus efeitos (BERRIOS, 2012)”, as paixões: “... são fenômenos ... e produzem constantes efeitos em nossa estrutura corpórea ... produzem efeitos benéficos e prejudiciais sobre as faculdades da mente” (BERRIOS, 2012).

Interessante pensar que a investigação de Crichton pode ser um dos primeiros estudos voltados para o subtipo desatento do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e, sobre isto e sobre as metáforas, vale lembrar as palavras de

Ramos (2014), segundo o qual: “... a verdadeira força impulsionadora da epidemia de TDAH que invadiu o mundo a partir dos Estados Unidos nos anos 1990. Sem um critério independente que pudesse distinguir claramente entre um diagnóstico verdadeiramente positivo e um falso positivo, o que é o caso do TDAH assim como da maioria dos transtornos mentais, como impedir o surgimento de epidemias diagnósticas quando estas interessam fortemente ao mercado? Uma demonstração concreta disto é que, no ano de 2007, a indústria farmacêutica investiu duas vezes mais em estratégias de *marketing* do que em pesquisa e desenvolvimento de produtos, sendo que 90% desses investimentos foram direcionados à promoção de produtos diretamente aos médicos, ou melhor, aos 'prescritores'” (RAMOS, 2014).

Até que ponto vão as invenções do humano?!?!?! Para onde caminham nossas metáforas?!?!?!?

3. Sobre a metáfora da inimputabilidade do louco

Assim sendo, *mutatis mutandis*, sigo para o próximo eixo que gostaria de apontar neste artigo, construído, propositadamente, como um mosaico – quisera eu como um conjunto de aforismos para homenagear nosso risível e irascível Friedrich. Enfim, é hora de considerar, também, certas características intrínsecas a um suposto julgamento de Nietzsche no que concerne à sua loucura ou à sua sanidade, destacando alguns aspectos socioculturais relacionados à loucura e ao direito.

Não à toa essa opção por falar em direito e loucura se deu neste trabalho. Afinal, o século XIX é o momento histórico no qual se acirram importantes contendas entre a medicina e o direito (CURADO, 2007).

Consolidar a definição de enfermidade mental, segundo Curado (2007), propicia o (confortável) equacionamento de tantas outras questões, entre elas “a natureza última da alienação mental, a responsabilidade civil e criminal dos indivíduos alegadamente enfermos mentais e a liberdade pessoal frente à natureza biológica representada pela enfermidade” (CURADO, 2007). E, também não é a toa que essas contendas têm como pano de fundo a disputa do poder a tal ponto que, seja: “[...] muito difícil ouvir a voz única de um autor por trás da voz política do Clérigo, do Magistrado, do Jurista ou do Médico Psiquiatra” (CURADO, 2007).

Inúmeros casos célebres sublinhando a doença mental, a ausência de sentidos, o apartamento da realidade, a loucura, enfim, como motor de crimes, em especial homicídios, promoveram, e ainda promovem, verdadeiros cenários de disputa entre

profissionais do direito e da medicina. O que se pretende aclarar com essa disputa (de poder) é a inimputabilidade criminal (SILVA, 2014).

Para Silva e Matos (*apud* SILVA, 2014), quando discutido o caso Calmon, no qual a protagonista, uma jovem de 32 anos, Rosa Calmon, filha do Cônsul Brasileiro na Cidade do Porto, em Portugal, tinha o desejo de seguir uma vida religiosa a contragosto de seus pais, na virada do século XIX para o XX: “O conhecimento médico – e o psiquiátrico, em particular – serviu com justeza o paradigma de hegemonização de uma concepção do mundo laica e científica, liberta de outras lealdades que não a da razão. Na introdução do seu relatório publicado ainda em 1900 sobre o Caso Calmon, Júlio de Matos deixou bem clara essa ideia, afirmando: ‘O convento é como as prisões e os manicômios, um meio de eliminação de muitos degenerados, um instrumento de segregação dos que não podem por inferioridade mental adaptar-se às condições de vida comum, de sorte que, socialmente encarada a questão, permitir à Sr. Rosa a prossecução do seu obsessivo desejo, seria, talvez, um ato de higiene coletiva’ ” (MATOS, 1900, p. 7, *apud* SILVA, 2014).

Outros tantos casos de alienação, dentre eles o primoroso livro de Foucault (1997) “Eu, Pierre Rivière, que Degolei a Minha Mãe, a Minha Irmã e o Meu Irmão”, no qual a fala do próprio suposto criminoso é trazida à baila, são tributários da preocupação oitocentista acerca da promoção de um discurso médico-jurídico que se baseasse numa visão racional e cientificamente padronizada do mundo, onde os desvios deviam ser, de igual modo, científica e racionalmente enquadrados e institucionalizados.

Portanto, o que se tem, para além de Nietzsche nesse conturbado século XIX, e que aqui interessa, é o cenário de novas e indeléveis discussões filosóficas acerca do homem, mais precisamente de sua racionalidade e loucura; importantes achados científicos relacionados à loucura como sendo esta simétrica à razão, deixando de lado a emoção (ou a paixão) como um caminho para o contrassenso; e o direito a disputar com a medicina o poder de imputar ao humano a razão ou a loucura a partir de conceitos (metáforas) indistintas.

Como, todavia, ter enfim de Friederich, o protagonista desse trabalho, uma visão padronizada, estandardizada, talvez estatística, que se conforme de maneira racional e científica? O que pretendem as controvérsias em torno da loucura do propalador do anticristo? Torná-lo inimputável para mitigar sua genialidade e produção filosóficas? Dizer que tudo viria de um insano mental iria calar sua construção inebriada de afetos? Onde o *pathos*? Onde as paixões?

4. Sobre a metáfora do cuidado

Cuidado! Nietzsche esteve E não esteve louco! Nietzsche está E não está louco!
Nietzsche estará E não estará louco!

Aliás, Cuidado quem é você, Cuidado?

Para este questionamento tem-se a resposta heideggeriana: O *Dasein* é cuidado e, portanto, o cuidado é cura, é *Dasein*. O *Dasein* é-se curando-se. O *pathos* do *Dasein* é ser-se. No dizer do próprio Heidegger (1995): “Porque, em sua essência, o ser-no-mundo é cura, pode-se compreender[...] o ser junto ao manual como ocupação e o ser como co-presença dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação. O ser-junto-a é ocupação porque, enquanto modo de ser-em, determina-se por sua estrutura fundamental que é a cura. A cura caracteriza não somente a existencialidade, separada da facticidade e da decadência, como também abrange a unidade dessas determinações ontológicas. A cura não indica, portanto, primordial ou exclusivamente, uma atitude isolada do eu consigo mesmo. A expressão 'cura de si mesmo', de acordo com a analogia de ocupação e preocupação, seria uma tautologia. A cura não pode significar uma atitude especial para consigo mesmo porque essa atitude já se caracteriza ontologicamente como preceder a si mesma; nessa determinação, porém, já se acham também colocados os outros dois momentos estruturais da cura, a saber, o já ser-em e o ser-junto-a” (HEIDEGGER, 1995, p. 257).

Por que haveria, então, Nietzsche de cuidar de si, como ator e atuante, de deixar-se coerente, sadio, racional, pronto para incursões lógicas que conduzissem sua filosofia para o entendimento dogmático como fizeram muitos?

Não, Nietzsche não haveria (não teria, não pretendia) nesse veio da normalização de fazer isso a si mesmo. Mas, apenas pelo fato intrínseco de que Friederich sabia tudo sobre o que para si era necessário, declarou: “Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso – qualquer fisiólogo admitirá – é ser no fundo sadio” (NIETZSCHE, 2008b, p. 23).

Afinal, na sua grande saúde, Nietzsche (2012) vaticina, pois, que um homem extemporâneo: “Aquele cuja alma anseia haver experimentado o inteiro compasso dos valores e desejos até hoje existentes e haver navegado as praias todas desse 'Mediterrâneo' ideal, aquele que quer, mediante as aventuras da vivência mais sua, saber como sente um descobridor e conquistador do ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um devoto, um adivinho, um divino excêntrico de

outrora: para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, a grande saúde – aquela que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar...” (NIETZSCHE, 2012, p. 258-9).

E, também, e de novo o filósofo, em uma concepção de normalidade estampa: “Se é normal a condição doentia do homem – e não há como contestar essa normalidade –, tanto mais deveriam ser reverenciados os casos raros de pujança da alma e do corpo, os acasos felizes do homem, tanto mais deveriam ser os bem logrados protegidos do ar ruim, do ar de doentes. E isto é feito?... Os doentes são o maior perigo para os sãos; não é dos mais fortes que vem o infortúnio dos fortes, e sim dos mais fracos” (NIETZSCHE, 2009, p. 103).

5. Sobre a metáfora do encerramento

Loucura ou não loucura, eis a questão!!!

Para isto, apenas dois pontos para questionador encerramento:

a) Reparem os seguintes versos: “Parafins, gatins, alphas, sexonhei da guerrapaz // Ouraxé, palávoras, driz, okê, cris, espacial // Projéitinho, imanso, ciuimortevida, vivavid // Lambetelho, frútufo, orgasmaravalha-me Logun // Homenina nel paraís de felicidadania” (VELOSO, 1981).

b) Reparem o seguinte excerto: “As condições sob as quais sou compreendido, sob as quais sou necessariamente compreendido – conheço-as muito bem. Para suportar minha seriedade, minha paixão, é necessário possuir uma integridade intelectual levada aos limites extremos. Estar acostumado a viver no cimo das montanhas – e ver a imundície política e o nacionalismo abaixo de si. Ter se tornado indiferente; nunca perguntar se a verdade será útil ou prejudicial... Possuir uma inclinação – nascida da força – para questões que ninguém possui coragem de enfrentar; ousadia para o proibido; predestinação para o labirinto. Uma experiência de sete solidões. Ouvidos novos para música nova. Olhos novos para o mais distante. Uma consciência nova para verdades que até agora permaneceram mudas. E um desejo de economia em grande estilo – acumular sua força, seu entusiasmo... Auto-reverência, amor-próprio, absoluta liberdade para consigo... Muito bem! Apenas esses são meus leitores, meus verdadeiros leitores, meus leitores predestinados: que importância tem o resto? – O resto é somente a humanidade. – É preciso tornar-se superior à humanidade em poder, em grandeza de alma – em desprezo...” (NIETZSCHE, 2008b, s/p).

Tentando chafurdar no lodaçal de racionalidade *versus* loucura, dáde à qual deu

e não deu atenção Friederich, esclareço que o primeiro trecho citado pertence a Caetano Veloso (1981), letra de sua canção “Outras Palavras”; e o segundo, é do próprio Friederich que, em 1888, escreveu estas palavras no prefácio de “O Anticristo” (2015).

Cabe ao fim argüir: Qual desses trechos é o mais racional? Qual deles menos louco? Qual *pathos* menos dolorido em seu sentido? A quem imputar a inimputabilidade? A quem se deveria destinar um tratamento psiquiátrico? Quem tem mais próximo de si o cuidado? Enfim, Nietzsche está louco? Verdade e Mentira!

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao amigo Carlos Eduardo Freire Estellita-Lins pela condução do hábil e substancial do Grupo de Nietzsche Gambiarra, do qual brotam e florescem ideias como a que inspirou esse artigo. Agradeço, também, ao Grupo de Trabalho envolvido no Simpósio Frederico Furioso, realizado na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 05 de maio de 2015, no qual a primeira versão desse artigo foi apresentada.

Referências

BERRIOS, G. E. A psicopatologia da afetividade: aspectos conceituais e históricos. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 15, n. 5, p. 138-170, março 2012.

CURADO, M. O ataque aos tribunais pelos psiquiatras portugueses de oitocentos. Diacrítica, Filosofia e Cultura, n. 21/2, p. 103-115, 2007.

ESQUIROL, E. Des passions considérées comme causes, symptomes et moyens curatifs de l’aliénation mentale. Paris: Librairie des Deux-Mondes, 1980.

FOUCAULT, M. Eu, Pierre Rivière que degolei a minha mãe, a minha irmã e o meu irmão... Vol. 10. Lisboa: Terramar, 1997.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo, Petrópolis, Vozes, Parte 1. 1995.

LAURENTI, R. Análise da informação em saúde: 1893-1993, cem anos da classificação internacional de doenças. Revista de Saúde Pública. v. 25, n. 6, p. 407-17, 1991.

_____. Pesquisa na área de classificação de doenças. Revista de Saúde e Sociedade. v. 3, n. 2, p. 112-126, 1994.

MATOS, J. A questão Calmon. Reflexões sobre um caso médico-legal, Porto, Livraria Moreira, 1900.

NIETZSCHE, F. Sobre verdade e mentira. São Paulo: Hedra, 2008a.

_____. Ecce homo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

_____. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. A Gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O anticristo. Ensaio de uma crítica do cristianismo. Disponível em <http://ateus.net/artigos/filosofia/o-anticristo/>. Acesso em 21 jul. 2015.

RAMOS, F. Do DSM-III ao DSM-5: Traçando o percurso médico industrial da psiquiatria de mercado. In: Zorzanelli, R., Bezerra Jr., B. Costa, J.F. A criação de diagnósticos na psiquiatria contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2014.

SILVA, I.C. A Rosa brasileira que incendiou a questão religiosa em Portugal: o caso Calmon (1899–1901). Revista Tempo, v. 20, p. 1-20, 2014.

VELOSO, C. Outras palavras, Gravadora Philips, 1981.